

Conversando com Mario Sacramento

QUE SÁBADO COMENTA FERNANDO PESSOA EM MAIS UM «COLÓQUIO» DA ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS

Entre os ensaístas e os críticos literários portugueses, Mário Sacramento tem um lugar muito seu, e que, felizmente, não tem sido reconhecido como merece, ou melhor, como se impõe.

Capicé de Moniz Barreto da nossa literatura moderna, Mário Sacramento, médico de profissão, é um dos mais argutos especuladores críticos que têm surgido na vida literária nacional, tão limitada de talentos como o seu. Prova de tanto são as suas pesquisas ensaísticas sobre Eça de Queiroz e o seu recente livro: *Fernando Pessoa, poeta da Hora Absurda*.

Por ser assim, fez bem a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, em convidar Mário Sacramento para falar de Fernando Pessoa, no seu habitual «colóquio».

Pela nossa parte não podíamos deixar de procurar Mário Sacramento, para ele dizer qualquer coisa a propósito de si e do «colóquio» do próximo sábado, tão ansiosamente esperado.

— Qual o sentido que pensa dar ao colóquio do próximo sábado sobre Fernando Pessoa?

— O da interpretação objectiva das ideias ideológicas da heteronímia, e do seu conteúdo poético, levada a cabo através da análise de alguns poemas representativos. A poesia inabalada de Pessoa só pode ser entendida, penso eu, no amplo sentido que envolve, na riqueza temática e na densidade expressiva, se tivermos uma noção clara dos objectivos que o poeta se propôs exprimindo-se e que o moveram e situaram nesse caminho sem precedentes. Mas é necessário esperar, que outros problemas sejam levantados e discutidos, a margem desse.

— Val portanto submeter à prova da concretização e do debate, o tema «Fernando Pessoa, Poeta da Hora Absurda»?

— Em termos gerais, penso que sim. Mas é preciso notar que o meu trabalho, data de há seis anos. A história da edição daria um novo en-

— E quem sabe? Teatro! Ou talvez pior...

— Estava terminada a nossa entrevista: quem quiser saber mais, vá ao «Colóquio» da Associação dos Jornalistas. — J. B.

COMO EU CONHECI CARLOS SOMBRIO



A vida passa depressa formando novas vidas e deixando outras na esteira do esquecimento. É a lei inexorável da Natureza, que se vai modificando numa cadência sempre igual, eliminando uns personagens e trazendo outros para o tablado da existência.

Parece que foi ontem e, no entanto, já muitos anos se esmurram nos mistérios do Tempo. Eu era muito novo e começava, então, os meus primeiros ensaios literários nos dois jornais locais onde via o meu nome em letra de forma assinando crónicas de urdidura ainda vacilante, onde apenas sobressaía o meu amor à terra e pouco mais. Nem experiência, nem expressão definida, nem amadurecimento intelectual, nem orientação, tinha de modo a tentar largos voos na senda ingrata das letras. Meus — não os tinha; mas bons companheiros — os livros.

— Foi na redacção de um destes hebdomadários provincianos, que eu conheci Carlos Sombrio. Estou a vê-lo, numa reconstituição perfeita. Alto, apumado, elegante. Uma bondade activa, uma afabilidade espiritual, um acolhimento fervoroso, resscenda de lei.

Foi o primeiro contacto espiritual e literário e não esqueço o estímulo que me deu nem a quente efusão dos seus conselhos, indicando-me um caminho, traçando-me uma directriz, que ao princípio segui, e depois deixei engrandecendo por outro rumo, mais con-

— Por que esteve dez anos sem escrever?

— Porque o ensaio não é só dos livros... É também da vida! É deste, aliás, que eu gosto mais. O meu ensaio escrito vasa-se, não sei porquê, num estilo pesado, que me desagradava e desgostava. O meu estilo, no ensaio da vida, é um pouco melhor...

— Tal como sucede ao do Teatro Anatómico...

— Talvez. Quanto mais perto da vida, melhor ensaio, melhor estilo.

— Quai a história íntima (porque há de havê-la) do livro de teatro que agora publicou?

— Já escrevi algumas que todo o crítico e ensaísta de um artista falhado. A ficção atraiu-me sempre. Mas o que cheguei a escrever, nesse domínio, não resistiu à minha própria crítica. Destruí contos, novelas e até um romance. Mas não devia fazê-lo, reconhec-o hoje, e só refiro o facto para que seja aproveitado por outros em iguais circunstâncias. O nosso equilíbrio moral e intelectual depende, em parte, da coragem dos actos falhados. O excesso de auto-crítica é um colete de forças. E todos nós precisamos dum grão de loucura em liberdade... Por isso deixei sair o meu livrinho de teatro. E um filho aleijado? É um filho de ternura... Vê-lhe os defeitos. Mas é preciso ganhar a coragem dos nossos defeitos necessários. E ter o cuidado apenas de os reduzir ao suficiente... Teatro? Ensaio-dramático? Pior? Não sei, nem quero saber, por ora. Aos outros críticos o faz, rem-me o que eu faço, com eles aos outros... Para compreender Moniz Barreto, por exemplo, é preciso ler o seu diálogo *Ángelo ou o emprego da vida*. Por que havemos nós, os pequenos críticos, a almejar uma menção maior para nós que a que tiveram os nossos mestres?

— Projectos literários?

— Ensaio... Coleção Centauro...

— Já escrevi algumas que todo o crítico e ensaísta de um artista falhado. A ficção atraiu-me sempre. Mas o que cheguei a escrever, nesse domínio, não resistiu à minha própria crítica. Destruí contos, novelas e até um romance. Mas não devia fazê-lo, reconhec-o hoje, e só refiro o facto para que seja aproveitado por outros em iguais circunstâncias. O nosso equilíbrio moral e intelectual depende, em parte, da coragem dos actos falhados. O excesso de auto-crítica é um colete de forças. E todos nós precisamos dum grão de loucura em liberdade... Por isso deixei sair o meu livrinho de teatro. E um filho aleijado? É um filho de ternura... Vê-lhe os defeitos. Mas é preciso ganhar a coragem dos nossos defeitos necessários. E ter o cuidado apenas de os reduzir ao suficiente... Teatro? Ensaio-dramático? Pior? Não sei, nem quero saber, por ora. Aos outros críticos o faz, rem-me o que eu faço, com eles aos outros... Para compreender Moniz Barreto, por exemplo, é preciso ler o seu diálogo *Ángelo ou o emprego da vida*. Por que havemos nós, os pequenos críticos, a almejar uma menção maior para nós que a que tiveram os nossos mestres?

— Projectos literários?

— Ensaio... Coleção Centauro...

— Já escrevi algumas que todo o crítico e ensaísta de um artista falhado. A ficção atraiu-me sempre. Mas o que cheguei a escrever, nesse domínio, não resistiu à minha própria crítica. Destruí contos, novelas e até um romance. Mas não devia fazê-lo, reconhec-o hoje, e só refiro o facto para que seja aproveitado por outros em iguais circunstâncias. O nosso equilíbrio moral e intelectual depende, em parte, da coragem dos actos falhados. O excesso de auto-crítica é um colete de forças. E todos nós precisamos dum grão de loucura em liberdade... Por isso deixei sair o meu livrinho de teatro. E um filho aleijado? É um filho de ternura... Vê-lhe os defeitos. Mas é preciso ganhar a coragem dos nossos defeitos necessários. E ter o cuidado apenas de os reduzir ao suficiente... Teatro? Ensaio-dramático? Pior? Não sei, nem quero saber, por ora. Aos outros críticos o faz, rem-me o que eu faço, com eles aos outros... Para compreender Moniz Barreto, por exemplo, é preciso ler o seu diálogo *Ángelo ou o emprego da vida*. Por que havemos nós, os pequenos críticos, a almejar uma menção maior para nós que a que tiveram os nossos mestres?

— Projectos literários?

— Ensaio... Coleção Centauro...

— Já escrevi algumas que todo o crítico e ensaísta de um artista falhado. A ficção atraiu-me sempre. Mas o que cheguei a escrever, nesse domínio, não resistiu à minha própria crítica. Destruí contos, novelas e até um romance. Mas não devia fazê-lo, reconhec-o hoje, e só refiro o facto para que seja aproveitado por outros em iguais circunstâncias. O nosso equilíbrio moral e intelectual depende, em parte, da coragem dos actos falhados. O excesso de auto-crítica é um colete de forças. E todos nós precisamos dum grão de loucura em liberdade... Por isso deixei sair o meu livrinho de teatro. E um filho aleijado? É um filho de ternura... Vê-lhe os defeitos. Mas é preciso ganhar a coragem dos nossos defeitos necessários. E ter o cuidado apenas de os reduzir ao suficiente... Teatro? Ensaio-dramático? Pior? Não sei, nem quero saber, por ora. Aos outros críticos o faz, rem-me o que eu faço, com eles aos outros... Para compreender Moniz Barreto, por exemplo, é preciso ler o seu diálogo *Ángelo ou o emprego da vida*. Por que havemos nós, os pequenos críticos, a almejar uma menção maior para nós que a que tiveram os nossos mestres?

— Projectos literários?

— Ensaio... Coleção Centauro...

— Já escrevi algumas que todo o crítico e ensaísta de um artista falhado. A ficção atraiu-me sempre. Mas o que cheguei a escrever, nesse domínio, não resistiu à minha própria crítica. Destruí contos, novelas e até um romance. Mas não devia fazê-lo, reconhec-o hoje, e só refiro o facto para que seja aproveitado por outros em iguais circunstâncias. O nosso equilíbrio moral e intelectual depende, em parte, da coragem dos actos falhados. O excesso de auto-crítica é um colete de forças. E todos nós precisamos dum grão de loucura em liberdade... Por isso deixei sair o meu livrinho de teatro. E um filho aleijado? É um filho de ternura... Vê-lhe os defeitos. Mas é preciso ganhar a coragem dos nossos defeitos necessários. E ter o cuidado apenas de os reduzir ao suficiente... Teatro? Ensaio-dramático? Pior? Não sei, nem quero saber, por ora. Aos outros críticos o faz, rem-me o que eu faço, com eles aos outros... Para compreender Moniz Barreto, por exemplo, é preciso ler o seu diálogo *Ángelo ou o emprego da vida*. Por que havemos nós, os pequenos críticos, a almejar uma menção maior para nós que a que tiveram os nossos mestres?

— Projectos literários?

— Ensaio... Coleção Centauro...

SUPLEMENTO LITERÁRIO 285

JORNAL DE NOTÍCIAS * 23 - ABRIL - 1959

UM ONTEM CÃO

Surgiu em Fevereiro último a revista surrealista «Pirâmide».

O seu primeiro número traz a abrir a seguinte «notícia»: «Os textos apresentados são em maioria rigorosamente inéditos, sendo igualmente inédita a tradução de António Artand, que é pela primeira vez apresentado em língua portuguesa.

Petrus Ivanovich Zorinsky (heterónimo de Mário Sá Carneiro) tem um lugar definido ao lado de Raul Leal, outra figura gloriosa do Movimento Orpheu.

O Manifesto de António Maria Lisboa, impetuoso, agreste, justo, natural, surge agora para um maior convívio com o poeta.

Trata-se de um documento da maior gravidade, duma inacessível figura de herói, hoje colocada na primeira fila da poesia europeia. António Maria Lisboa morreu em 1953 e começa agora a viver.

A maior ou menor visão de conjunto, a tirar deste primeiro número, é uma exigência cumprida em relação ao público. O mesmo critério será adoptado em números subsequentes, aos quais se juntará a indispensável colaboração dos mais jovens valores da nossa lírica.

Até ao fim da «notícia», como se vê, — parece uma coisa séria, e mais ou menos séria continua na «Mensagem e Ilusão do acontecimento surrealista», de Mário Cesariny de Vasconcelos, mas logo a seguir canta de ralo o senhor Pedro Oom com esta poesia que transcrevemos na íntegra, por ser impossível citá-la de outra maneira.

UM ONTEM CÃO

No alto das nuvens
todo o ódio inconcebível
toda a mágoa molhada
todo o terror hasejeito
sobreveio da espuma
rebotou do nada

como
uma puloa
um elefante
ou
uma
esfin
oe

No alto
encom sobretudo
botões calunizados
de voz doce nas gargantas
secas e olhares de monstros
sobre os abismos
falsos

Tudo tudo
tudo tudo

veio da cristandade nas
canções da manteiga no
discursar dos queijos na
ditadura das pomadas
sem mas
sem alegria
sem
desejo
e sem
ambições

E com os ossos esmurçados
e as costas dobradas e os gestos fechados
à chave à chuva
na chaminé do luar
e nas pulgas dos padres com eléctricos
de recordações e loucuras
... ..
... ..
... ..

(Segue uma parte que não transcrevemos pelo
respeito que devemos aos leitores)

se abrir no cérebro
uma lezíria deletéria
e rasgar-se na pele
uma comichão necessária
e levantar-se nas unhas
um medo tsé-tsé

SÃO
altares
erguidos no vento dos ventos
erguidos à chuva
e à chuva erguida ao luar
com murros soprados nos cérebros luzidos
da Escada que fala na Estrela dos cemitérios
por tudo e por nada

com Júlio à cabeça
com António à ilharga
e meninas ao colo

POESIA

Olinda e Caruarú

Ao Álvaro Lins
Ao Ramos de Almeida

Longe e distante, a paisagem perdida
Onde só a infância coube: desbaratada e
[breve...]

Para um, a orla do mar: azul com espumas
[alvas]

Para outro, já quase o Nordeste bravo, hos-
[til, aventureiro]

Ortancas, brincar juntos...
Jogaram futebol com a bola do sonho...

Em volta, o Recife de Castro Alves e Ma-
[nuel Bandeira.]

Encharrado das eternas ideias que liberta-
[ram os Homens...]

Depois a vida ficou a separá-los
E o mar, e a juventude, e a implacável
[força do tempo.]

O Encontro chegou tarde, inesperado, mas
[feliz...]

Ambos ainda sonhavam mas já combatiam.
A metrópole assistiu: serena e triste
Ao som de um toque dengoso de guitarras.

A Liberdade juntou-os, no mais honrado
[convívio.]

Tinham uma mensagem universal e humana
[para dizer.]

E disseram-na: sinceramente, pausadamente.
Como se cantassem uma canção.

YOLANDA SALLES

UMA CARTA de Joaquim Paço d'Arcos

Meu querido amigo Dr. Ramos de Almeida:

Teve V. a gentileza de se ocupar brilhante e generosamente do meu livro «Carnaval e outros contos» no seu último número de crítica literária. Lamentou que eu tivesse dado ao livro este título «Carnaval», por achar este último muito mais de acordo com a natureza e conteúdo do livro.

Permita-me esclarecer que ninguém mais do que eu lastimou que o título de «Histórias Cínicas e Sentimentais», mas o livro que, por simples coincidência, trazia o título de «Histórias Cínicas».

Todavia, parece-me que «Carnaval» o título do último conto da obra inteira, sintetiza de alguma maneira os aspectos: cínico, sentimental e humorístico que você diz que há por detrás com a natureza da obra.

Y não foi por pretender que o último conto fosse o melhor que escrever que o seu título era o que melhor correspondia ao conteúdo da obra.

De resto, esse último conto «Carnaval», que você considera o melhor, tem também o seu conteúdo, na evocação da infância, a Lisboa da penúria do tempo da primeira guerra mundial (1914-18) e dos assaltos que presenciou, na evocação da infância que há vinte anos pretendo punir-me pelo uso de expressões francesas e afrancesadas (está você talvez recordado) e à qual, em quanto de suave e não ofensiva ironia.

Por isso espero que este meu esclarecimento o leve a aceitar como a palavra exacta na capa da obra que você classifica de crítica sentimental e humorística.

Na ideia de que esta troca afectuosa de impressões possa entender-se de qualquer maneira o público leitor, peço-lhe a publicação de tanto apreço pelo meu livro.

Seu camarada, amigo e admirador arato

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

As razões pelas quais Joaquim Paço d'Arcos abandonou o título primitivo do seu último livro de contos — «Histórias Cínicas e Sentimentais» — submetendo-o pelo de «Carnaval e outros contos», já se próprio a tinha escrito no limiar do livro.

Não me parecem, no entanto, concludentes nem definitivas, colacaria decerto no seu livro tal título, por causa das «Palavras» anos mas que provocaram escândalo suficiente para ainda se actualizar.

Quanto aquelas outras razões usadas para justificar o título eis por que me parece oportuno dizer: Quando Paço d'Arcos para o que já me parece uma concepção por representar a Lisboa da primeira guerra mundial (1914-18) e dos assaltos que presenciou, na evocação dum demia que há vinte anos pretendo punir-me pelo uso de expressões francesas e afrancesadas, declara o seu circunstancialismo, o crítico, ensaísta e professor brasileiro, Wilson Martins, comentou manifestamente citando como termo comparativo Machado de Assis e Guy de Maupassant, dois supremos mestres do conto universal.

A Paço d'Arcos só direi: Permita-me que eu seja depois de «Cínicas e Sentimentais». — J. A.



Esta foto reúne alguns dos vultos intelectuais mais importantes do centro do país, que se destacaram nas últimas décadas trabalhando nas letras, no jornalismo, nas Artes. Da esquerda para a direita: Luís Xavier, arquiteto; Cardoso Maria, poeta; prof. Joaquim de Carvalho, filósofo e historiador da Cultura; dr. Joaquim da Silva, bibliógrafo; dr. António Silveira, advogado e publicista; dr. Pedro Assis, veira, bibliógrafo; dr. Carlos Sembrão, escritor; dr. António Lopes Dias, publicista; João Reis, pintor; Carlos Sembrão, escritor; dr. Octaviano de Sá, jornalista e advogado, publicista; Adolfo Santiago, grande proprietário e amigo dos Homens de Letras.